



PAULO GHIRALDELLI JR.

A filosofia como crítica da cultura

1

O que é a *nossa* sociedade do espetáculo?

Vivemos mesmo na “sociedade do espetáculo”? O nome é velho e, quando apareceu naquela forma de título de livro,¹ carregado de marxismo, teve algum êxito antes por conta da autoridade do invólucro que propriamente pelas teses. Estas, enfim, estavam em todos os livros da época! O livro se foi, mas o título ficou e acabou ganhando sobrevida, principalmente agora, quando realmente podemos dizer que estamos entrando em um tipo propriamente dito de sociedade do espetáculo.

A sociedade do espetáculo não é a Roma do “pão e circo”. Nem mesmo a da guilhotina do Terror francês durante a Revolução e de seus imitadores posteriores. Também não é a sociedade dos grandes comícios nazifascistas ou comunistas do século XX. Em parte, e só em parte, tem a ver com a “sociedade de massas” da democracia liberal acalentada e aguilhoada pelo capitalismo. Em todas essas situações encontramos o espetáculo na sociedade ou o espetáculo da sociedade, mas não a sociedade do espetáculo.

Do modo como entendo que seria interessante caracterizar uma sociedade e, talvez, toda uma época, como a “do espetáculo”, é melhor não deixar faltar um elemento determinante: ninguém pode ser somente espectador. Um espetáculo da sociedade do espetáculo não se caracteriza por um evento assistido por muita gente. Essa descrição é pobre. Um espetáculo se caracteriza por três elementos conjuntamente arranjados: os produtores do espetáculo, os espectadores e os comunicadores dele, e isso no interior de um mundo regido pela vida contemporânea. Sem isso e, enfim, sem o

1. Livro de 1967, do filósofo francês Guy Debord, *La société du spectacle*.

aparato tecnológico que envolve a atividade dos três elementos na vida contemporânea, não há fórmula exata do espetáculo que dominaria uma sociedade ou um tempo, fazendo do nosso tempo isso que ele é. O nosso tempo e as nossas sociedades nacionais, bem como a sociedade internacional, são hoje o lugar onde cada um com o seu celular, acoplado a uma rede social da internet e, enfim, interligado por redes de TV de todo tipo, fazem coisas e ao mesmo tempo as transmitem a outros e a si mesmos. É isso que eu chamo de “sociedade do espetáculo”. Trata-se de algo que não exclusivamente necessita ser caracterizado por uma teoria como a dos marxistas culturais, a teoria da alienação (reificação e fetichização) e/ou da ideologia, como fizeram todos que seguiram Adorno, Horkheimer e outros da Escola de Frankfurt. A sociedade do espetáculo se basta, para que possamos identificá-la, pela sua descrição quase atórica.

Se vivemos ou não nesse tipo de sociedade, o problema não é só de descrição fenomenológica. Até aqui todos podem concordar comigo, com poucos pontos de divergência. O problema é saber o que é feito de nossa vida que é diferente da vida de nossos pais e avós em suas juventudes, e que pode ou não nos levar a sermos “versões melhores (ou piores) de nós mesmos”. Talvez aqui existam divergências. Mas, ainda assim, hão de convir, não falarei de algo que se desconhece.

Um exemplo pode ajudar aqui. Estamos todos na praia de Copacabana no final do ano. Ou estamos todos na Avenida Paulista, na mesma data. Estamos ali para quê? Para ver fogos de artifício? Ora, é claro que não! Seríamos mais imbecis do que somos se estivéssemos ali para ver algo tão banal, ainda que ao sair de casa possamos dizer “ah, vamos ver os fogos da passagem do ano?”. Estamos todos ali porque naquele momento não podemos estar sozinhos. Há uma caminhada coletiva a ser feita, que é a do percurso do ano vindouro, e todos sabemos que ela será, ainda que individual e solitária para cada um, uma caminhada que só poderá ocorrer se continuarmos, junto de nossa caminhada individual, a rota da estrada coletiva. Paramos então, naquela data, para nos agruparmos. Não vamos ficar menos ou mais solidários por isso. Mas imaginamos que, se não fizermos essa parada e essa pretensa reunião, abrimos mais chances para a vazão de forças do mal existentes em nós, que nos deixarão menos solidários no decorrer do ano. Integrar “a massa” da Avenida Paulista ou da

Praia de Copacabana, ou de qualquer outro lugar apropriado para a “Passagem do Ano” no mundo, nos faz voltar a participar da história do mundo, coletivamente, ao menos uma vez sem que seja em alguma tragédia. O “eu estava lá” é preciso ser dito de algum evento, então que seja ao menos um que não nos causa sofrimento. Ora, mas o que temos feito nesses eventos ultimamente? Temos nos cumprimentado quando dão as doze badaladas da meia-noite? Quase não! Pois, mesmo bêbados e abertos à amorosidade e com a libido acesa, não largamos nossos celulares que gravam o momento, postando tudo imediatamente na internet. Ninguém escapa. Os que estão em réveillon em clubes, bares ou residências se mantêm arrebanhados pela TV na festa. Não raro, todos estão produzindo a festa, na troca de fotos e filmes que cruzam na internet e se integram na própria TV assistida por todos. A própria TV repete, ou efetivamente ou em imitação, o que os celulares falam para a internet: os jornalistas passam casos de gente trabalhando ou doente que ao mesmo tempo está assistindo à TV e vendo a festa de alguma cidade, em geral Rio ou São Paulo ou Nova York. Fazendo isso, trabalhadores e doentes tornam-se também produtores. O que não se percebe é que esse afã de produzir o evento e transmiti-lo não nos torna menos espectadores, nos torna mais espectadores. Espectadores no sentido mais passivo do termo, pois precisamos produzir e reproduzir o que estamos todos fazendo, ou seja, nada de especial a não ser transmitindo o que estamos fazendo, que é tentar transmitir o que estamos fazendo.

Pela primeira vez vivemos momentos, todos nós juntos, em que nada é feito a não ser transmitir que nada é feito. Todos nós vemos isso na hora do ocorrido em que nada ocorre ou pouco depois. Finalmente, como tudo é vazio nesse círculo, também a própria experiência não ocorre. Em nossa era a experiência é tão diminuta que acabou por modificar a palavra “curtir”. Para a minha geração, que teve juventude na década de sessenta e setenta, curtir era deleitar-se. Isso demandava tempo e capacidade de envolver-se com o que se chamaria, depois, algo como “ter tido uma boa experiência”. Agora, curtir é apenas apertar um botão no Facebook. Essa diferença faz toda a diferença.

A minha geração talvez tenha sido a última capaz de ter experiências e não experimentos. As gerações atuais, e os da minha geração agora in-

tegrados nesse tipo de sociedade do espetáculo, não podem ter mais experiência. Não no sentido de *experience*, como Dewey denominava a vida, que integrava tanto a vivência histórica quanto o deleite psíquico (*Erfahrung* e *Erlebnis* — as palavras alemãs para a *experience* inglesa, usada por Dewey sem o descarte do sentido alemão). No máximo podemos hoje ter “experimento”. “José experimentou o réveillon da Praia de Copacabana e depois, no ano seguinte, experimentou o da Avenida Paulista”. O que ocorreu nessas situações? E a resposta é fantasticamente banal e vazia: nada! Não há nada para contar senão a bobagem de dizer: “vimos os fogos de artifício”. Alguns dizem, descarada e orgulhosamente: “vimos toda aquela gente e colocamos no Facebook na hora”. “Twitamos”, dizem outros. Mesmo aqueles que transformam tais “passagens de ano” em algum ritual religioso não saem disso. Em Arraial do Cabo, numa situação dessas, Francielle foi de branco “pular as sete ondas”, mas ninguém sabia se estava pulando uma ou sete, não porque todos estivessem bêbados (aliás, hoje tudo se faz “com moderação”, exceto a própria vida do espetáculo), e sim por conta de que todos estavam manipulando celulares e fazendo poses.

Ora, pode-se dizer que fotos são para recordar. Mas recordar o quê com fotos eletrônicas que serão perdidas para sempre na internet? Ninguém fica recordando com álbum de internet. O próprio momento da memória, da recordação, não existe mais. No máximo, pergunta-se: “curtiu?”. Isso significa: “apertou o botão de curtir?”. E outra responde: “já curti o seu, agora tenho de curtir mais uns dez álbuns de outras amigas” — dez botões.

O que se ganha e o que se perde nessa sociedade? Talvez seja isso que nós, os que imaginam que ainda lidam com cultura, tenhamos de perguntar, até para ver se teremos alguma sobrevivência no futuro próximo ou mesmo no presente, como animais que leem e escrevem.

É muito difícil que uma geração integrada à vida da sociedade do espetáculo possa escrever. Ler, sim, mas pouco. Escrever, nem pensar. Ninguém mais escreve, no sentido literário ou semiliterário da palavra “escrever”, como usávamos essa palavra pouco tempo atrás. Em uma sociedade em que todos têm um *blog* para tornar público seus escritos, e onde poderíamos todos ser escritores, nós todos escrevemos bem menos e sem qualquer característica de nossa vida literária amadora do passado,

quando todos nós, ou se não nós, homens, ao menos as meninas, fazíamos diários. Não escrevemos também nos lugares antes dedicados a tal tarefa, ao menos como aprendizado: na escola. Não pode o jovem de hoje ser escritor, como quase todos nós éramos, ao menos de seus diários. Pois para ser escritor, nós todos sabemos, temos de ter narrativas, ou seja, temos de ter o que contar. Como contar algo se não nos acontece nada? O máximo que podemos contar é que trocamos de tecnologia: largamos o celular X e temos agora o Y. Deixamos de lado um *Ipod* porque outra coisa semelhante surgiu e parece ser diferente — e é mesmo, embora a diferença que traga algo substancialmente novo seja o preço. O vazio que domina todos causa o tédio. Depois, nem isso mais, pois para haver tédio é preciso que se sinta o vazio. Ninguém pode sentir o vazio quando se nasceu vazio e nada o preencheu. Estar vazio é a condição natural de nosso tempo. Chega um momento, então, que até mesmo o tédio desaparece. A experiência do vazio também some e, com ela, o vazio, o cheio, o mais ou menos e tudo que se pode pensar em termos de graus.

Em uma escola que ainda tem, aqui e ali, atividades humanísticas, e mantém o escrever, o narrar e o contar como atividades importantes, não há mais o que propor como tarefa. Ninguém pode sequer entender o que faz uma escola assim no meio de uma cidade. Uma escola só tem sentido, hoje, se der cursos para que se possa lidar melhor com os aparelhos que nos fazem gerar a sociedade do espetáculo. Ora, mas seria um idiota aquele que não percebesse que para lidar com tais aparelhos não é necessário escola, somente cursos de treinamento, e isso quando o aparelho é muito sofisticado.

A escola tem de ser vazia para ser uma escola. Meia dúzia de escolas na cidade de São Paulo, com 22 milhões de habitantes, já está bom. Essas escolas, feitas para uma alta elite, podem integrar um saber humanístico com uma visão tecnológica. Podem de fato criar uma elite. Mas isso, por pouco tempo. Pois logo a sociedade como um todo ganha a guerra, e até mesmo essas escolas deixarão de conseguir fazer o que já faziam. Isso é tão verdade que ainda temos na sociedade pessoas cultas saídas de colégios famosos de São Paulo, mas totalmente incapazes de criar o novo. Uma sociedade com esse tipo de elite acaba mesmo produzindo, para as classes médias, escritores como Paulo Coelho, de discutível qualidade, ou um

Saramago, que reproduz mal e parcamente historietas velhas, carcomidas, mas desconhecidas de muitos que, com acesso à internet, se acham cultos porque pensam que Rubem Alves inventou o “mito da Caverna”. Aliás, Rubem Alves e muitos outros já reescreveram de toda maneira o tal “mito”, e o Saramago, raposa velha, fez livro que virou filme em cima dessa ideia que ficou banal (para então ficar até boba), de que “na terra de cego quem tem um olho é rei”, mas que será rei morto ao dizer isso.

Hannah Arendt chamaria gente assim de filisteus cultivados. A literatura para produzir ideologia ou a literatura para ganhar dinheiro, sem nenhum fim em si mesma, podia e pode muito bem ser alguma coisa ligada à funcionalidade imediata requisitada por esse tipo de filisteu.

A “crise da educação” é uma crise do Humanismo. É verdade. Mas é também a crise de uma escola que não está mais apegada a nada, nem ao Humanismo sem a sociedade do trabalho, nem ao Humanismo sufocado pela sociedade do trabalho. O que é necessário agora, para contarmos aqui e ali que há alguma escola, são restos do cadáver do Humanismo, e isso de um modo específico: há alguma estética mínima na única coisa que se tornou indispensável: os aparelhos de celulares. Eles devem ser bonitinhos. Num futuro próximo, talvez literalmente amanhã, em desfiles de modas, as moças caminharão na passarela segurando celulares e com ar blasé, mas ao mesmo tempo ninguém saberá o que é ter um “ar blasé”. Todos poderão então admirar cada aparelho eletrônico, tendo como apêndice as moças que eram lindas, mas que, então, se tornam apêndices da beleza do celular. Assim, cada um poderá explicitar a existência em si de um sentido estético, de um “gosto”, para que se possa imaginar que as pessoas ainda possuam almas. Ora, todas continuarão a ter almas, mas nenhum espírito.

Post scriptum. Eu espero que nenhum professor, de qualquer grau, venha me pedir uma fórmula para “reverter esse quadro”, e menos ainda eu espero que venham me criticar por causa do tom que, então, terão identificado como pessimista. Meu texto está longe de ser pessimista e mais longe ainda de ser um texto “contra a técnica e contra a tecnologia”. É um texto otimista porque pressupõe ainda a existência de um leitor que saiba entrar no texto e, então, não reduzir o alcance crítico da filosofia.

Do Pica-Pau a Quine e Davidson, passando pelos dois Sócrates, o filósofo e o jogador, o filósofo brasileiro Paulo Ghiraldelli Jr. dá ao leitor, com este livro, um modo interessante e saboroso de fazer filosofia. O discurso da filosofia, *hard* e *soft*, aparece aqui para deliciar o leitor com produtos culturais de toda ordem, da invenção e uso do sutiã ao quanto Machado de Assis pode nos ajudar a compreender a noção de sujeito, ou a falta dele ou sua crítica. Em todos os assuntos, Ghiraldelli traz uma ironia delicada que pica o leitor, às vezes, exatamente no lugar que o leitor não gostaria, inicialmente, de ser picado. Mas não há ferida. Há, sim, coceira. É uma coceira cerebral. Você poderá discordar de muito do que o livro diz, mas duvidamos que não sairá dele mais perspicaz e inteligente.

